

A VALORAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA COMO ELEMENTO ARTICULADOR DA FORMAÇÃO PERMANENTE: UMA PROPOSTA DIALÓGICA

Carolina Zasso Pigatto¹

Patrícia Dalmaso Pogliã²

Patrícia Signor³

RESUMO

Este trabalho tem a intenção de socializar leituras e diálogos que vem sendo realizados sobre a valorização da prática pedagógica como elemento articulador da formação permanente dos professores de escolas públicas. Buscou-se relatar uma pesquisa realizada em uma instituição com de 268 alunos de educação básica do município de Barra Funda (RS) e que é composto por 31 professores, atuando em sala de aula e direção, vice-direção nos três turnos, coordenação pedagógica, orientação e supervisão escolar. Como suporte teórico-metodológico estão as concepções de Paulo Freire (1997, 1998, 2006, 2009) e de Francisco Imbernón (2010), os quais nos possibilitam refletir sobre a auto(trans)formação dos professores e suas práticas. Conseguimos estabelecer uma análise acerca da escola que procura trabalhar com base na pesquisa da realidade e utiliza a formação continuada como espaço para prática educativa: reflexão – ação – reflexão. Acreditamos que este é um espaço propício para que os professores busquem seu crescimento profissional, pessoal colaborando para o desenvolverem ainda melhor suas atividades docentes.

Palavras-chave: Formação Permanente. Escola Pública. Prática.

PRIMEIRAS PALAVRAS

A escola pública brasileira, nos últimos anos, vem sendo alvo de duras críticas que discutem a sua validade, baseados na crença que ela oprime, promove a exclusão, intensifica a elitização associada à limitação da visão crítica do mundo. Isto leva à constatação de que na escola, quando se discute educação, na verdade estamos falando sobre a melhor, a mais rápida e a mais atraente forma de passar a informação, ou seja, ainda há preocupação apenas com o ensino isolado de conteúdos.

¹ Mestranda em Educação pela UFSM, Linha de Pesquisa: Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional. Membro do Grupo Dialogus: Educação, formação e humanização em Paulo Freire. Professora da Rede Municipal de Santa Maria, primeira etapa da Educação Básica. E-mail: carozlpigatto@hotmail.com

² Mestranda em Educação pela UFSM, Linha de Pesquisa: Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional. Membro do Grupo Dialogus: Educação, Formação e humanização em Paulo Freire. Técnica Administrativa em Educação na Universidade Federal do Pampa. E-mail: patriciapogliã@gmail.com

³ Mestranda em Educação pela UFSM, Linha de Pesquisa: Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional. Membro do Grupo Dialogus: Educação, formação e humanização em Paulo Freire. Professora da Educação Básica do Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: p85343@yahoo.com.br

Aos professores não cabe o papel de transmissores e dos alunos, ouvintes. Temos a obrigação de desvincular da escola a imagem de tristeza, de enfado e de punição. É preciso assegurar a alegria aos nossos jovens, porque é neles que reside o poder criador e transformador que, por sua vez, são a tônica que faz a diferença entre a mediocridade e a excelência, entre a estagnação e o crescimento real, entre a cópia e a aprendizagem significativa.

Toda a escola de qualidade social, com democratização real e efetiva do ensino contextualizado e dialógico, precisa de professores que dominem o processo de seu trabalho: o trabalho docente. Este consiste num papel que não é só o de “ensinar” no sentido tradicional de transmitir conhecimentos, porque a aprendizagem só é possível quando ocorre interação entre os sujeitos professor/aluno. O educador tem a responsabilidade de propor problemas que permitam aos alunos descobrir novos aspectos do objeto do conhecimento, assim como encaminhar os intercâmbios entre os membros do grupo de tal forma que se tornem produtivos.

Aqueles que buscam e querem uma escola mais humana e democrática sabem que um dos elementos que tornam sua realização possível é a presença deste professor-reflexivo, do professor-mediador. É absolutamente inaceitável que o professor ainda apareça como figura central da sala de aula, como detentor do conhecimento e que apresente um trabalho pedagógico centrado na reprodução de conteúdos através de exercícios de fixação no livro didático.

Sendo assim, o conhecimento não deve vir pronto e ser transmitido aos alunos pelo professor, mas quando ele reconhece que o indivíduo é um construtor do conhecimento, não significa que desconhece o papel essencial que o professor deve cumprir. Este apenas deixa de ser fonte exclusiva de informação, reconhece o aluno como interlocutor válido e o considera como ser pensante que reconstrói o seu conhecimento empossado por ele anteriormente. E é em razão disso que se faz tão urgente que o professor ouça os alunos para saber o que eles sabem, do que eles precisam e o que eles desejam. Como Freire, já dizia: “O educador deve fazer sua ação educativa a partir das razões do aprendiz.” (1998, p.73). Esta atitude descompromete o professor da tarefa de decidir sozinho o que teria de transmitir, tornando possível o avanço real e gradual do aluno, cedendo a palavra ao educando, permitindo sua expressão e valorizando-a.

Torna-se primordial ressaltar a necessidade da educação ser vista como um ato de conhecimento, que nunca se esgota, que é permanente e vital; um constante florescer, um crescimento diário e duradouro, em que o aluno seja percebido como um todo, existindo uma

ligação entre “conteúdo-vida”. Aqui se fundamenta o convite a este grande desafio, que se coloca frente à responsabilidade e o comprometimento com o ato político de educar, a fim de que se realize de forma prazerosa a construção do conhecimento, fazendo com que o aluno viva a sua cidadania de modo consciente e comprometido, na busca de uma melhor qualidade na sua aprendizagem.

A FORMAÇÃO PERMANENTE NO COTIDIANO, ESPAÇO DE PROBLEMATIZAÇÃO DA PRÁXIS

Refletindo sobre a atualidade educacional, percebemos as (auto)exigências que estão cada vez mais presentes com relação a formação permanente dos professores que em alguns momentos, não levam em conta as ansiedades/necessidades desses profissionais. As formações estão contribuindo para os professores? Os professores conseguem socializar seus conhecimentos com os colegas? Será que os professores conseguem experienciar em suas práticas o que estudam nesses momentos? Quando a formação interessa aos docentes, os mesmos apropriam-se desse estudo e conseguem vivenciar em suas práticas o que estudam nas formações.

Segundo Freire “o professor (a) só ensina em termos verdadeiros na medida em que conhece o conteúdo que ensina, quer dizer, na medida em que se apropria dele, em que o aprende” (2009, p.81). É possível entender que se um professor não tem conhecimento em determinado assunto; não consegue proporcionar produção de conhecimento para seus estudantes.

O professor está constantemente “aprendendo”, ou seja, não nascemos prontos, ou como diria Freire “pré-destinados”. Os profissionais que têm consciência de seu trabalho, que compreendem a importância de educar, entendem que estar em busca de conhecimentos “exige uma atividade constante de aperfeiçoamento e reflexão, reconhecendo a dimensão do *inacabamento* que perpassa a profissão docente” (TONIOLLO, 2010, p.72). Ou seja, o professor que quer fazer e *ser* a diferença em seu trabalho, com seus educandos, está sempre buscando, pesquisando novos caminhos a fim de proporcionar momentos de aprendizagem mútuas.

Estar em formação é uma procura pela transformação como profissional, é (re) pensar suas teorias e práticas, são buscas de novas perspectivas, mas, como aponta Imbernón, isso não é simples, pois

A solução não está apenas em aproximar a formação dos professores e do contexto, mas, sim, em potencializar uma nova cultura formadora, que gere novos processos na teoria e na prática da formação, introduzindo-nos em novas perspectivas e metodologias. Como, por exemplo, as relações entre professores, seus processos emocionais e atitudinais (IMBERNÓN, 2010, p.40).

A intenção é de se cogitar uma formação que atenda as necessidades, efetivamente, dos professores, ou seja, algo que os motive de fato, uma reestruturação não apenas na proposta, mas principalmente, na postura dos participantes. Uma formação que possibilite os professores participarem criticamente, “o objetivo da “rearmada” deveria ser o de ressituar os professores para serem os protagonistas ativos de sua formação em seu contexto de trabalho [...]” (IMBERNÓN, 2010, p.41), uma vez que, em muitos espaços de formações, a participação restringe-se meramente em ouvir algum palestrante, ou em oficinas para apresentações de trabalhos. Por que não pensar em uma formação que oportunize refletir sobre as relações afetivas entre educadores/educadores, e o quanto os vínculos afetivos influenciam, ou não nas suas práxis?

Percebemos que Freire já vinha pensando na formação dos professores e escrevendo sobre a importância das relações entre os sujeitos, e o quanto isso refletia na práxis dos docentes, pois em muitos dos seus escritos menciona essa importância, como nessa passagem, “[...] uma das melhores coisas que podemos experimentar na vida, homem ou mulher, é a boniteza em nossas relações que, de vez em quando, salpicadas de descompassos que simplesmente comprovam a nossa “gentetude””(FREIRE, 2009, p. 64).

Sabemos que nas escolas existem muitos momentos em que as opiniões divergem, esses descompassos proporcionam momentos de diálogos, discussões⁴ e certamente de aprendizagens, as quais fazem parte do processo de nossa auto(trans)formação.

Acreditamos que se nas formações para professores, os mesmos tivessem acesso ao conhecimento de como estabelecer vínculos afetivos com os educandos e entre colegas, além de saberem da importância desses mecanismos em sala de aula para a aprendizagem, muitas situações (de comportamento, de socialização) seriam amenizadas, mas para isso os professores, também, carecem demonstrar uma reciprocidade para a formação e essa relação com os vínculos afetivos e a aprendizagem cooperativa.

Para os professores terem uma aceitação, ou melhor, estarem dispostos a participar efetivamente dos processos de formação, os mesmos necessitariam ter um conceito de educação coerente a essa vivência. A educação para Freire é um processo de transformação

⁴ Usamos discussões para nos referirmos a momentos mais intensos, ríspidos que acontecem nas reuniões das escolas, em especial quando existem discordâncias em determinadas situações.

que requer pesquisa, sensibilidade, ética, reflexão, entre outros aspectos, pois “pensar certo, pelo contrário, demanda profundidade e não superficialidade na compreensão e interpretação dos fatos” (FREIRE, 2006, p.33). Para os docentes estarem atentos e procurarem vivenciar essas atitudes profissionais, significa compartilhar dos pensamentos de Freire.

Muitos desses pensamentos estão sendo vivenciados pelos professores, pois, os diálogos sobre a importância do professor como sujeito participante na sua formação enquanto ser social-histórico, um olhar para o contexto social, a afetividade diretamente relacionada à produção do conhecimento, estão diretamente relacionadas com o aprender, e só foram aprofundadas pelas formações que esse docentes foram realizando.

Para comprovar a necessidade de reflexão da prática docente, toma-se por contexto de pesquisa uma instituição com de 268 alunos de educação básica do município de Barra Funda (RS). O corpo docente é composto por 31 professores, atuando em sala de aula e direção, vice-direção nos três turnos, coordenação pedagógica, orientação e supervisão escolar.

Desde 2001, busca trabalhar seguindo a metodologia popular, baseada nos conceitos da educação libertadora de Paulo Freire e, a partir de então, além de momentos de formação propostos pela Coordenadora Regional de Educação, sob a qual é regida (39ª CRE, Carazinho/ RS) e Universidades, semanalmente são realizados espaços de formação e estudo que visam contribuir no crescimento do profissional, aprofundamento metodológico e capacitação do docente para o trabalho em sala de aula.

Acredita-se, portanto, ser dever constante do docente a busca de transformar para melhor sua realidade e um professor que, além de aperfeiçoar-se, faz uma diferença positiva na vida de seus alunos tendo o aprender como primordial. A Escola Estadual Antônio João Zandoná tem por filosofia, segundo seu PPP (Escola Zandoná, 2013, p. 2) “orientar para viver com responsabilidade, oportunizando a conscientização do educando como ser humano participante do contexto social, buscando sua formação integral”. A Instituição procura realizar sua tarefa veiculada à comunidade na qual se insere não desprezando os conhecimentos populares trazidos pelo seu público-alvo.

Esta perspectiva faz com que a escola lance um novo olhar sobre a organização curricular, especialmente no que tange aos conteúdos escolares. Segundo seu Projeto, a condução prevê um ambiente de diálogo, debates, questionamentos acerca de temáticas que assegurem os interesses e expectativas da comunidade escolar em relação à função da escola. Deste modo a construção do conhecimento é possibilitada “nas intervenções pedagógicas, numa ótica menos fragmentada, linear, descontextualizada e impositiva, numa perspectiva dialética” (PPP, Escola Zandoná, 2013, p. 13).

A fim de consagrar a necessidade de uma formação permanente voltada à reflexão crítica da prática, buscou-se conhecer as concepções de formação de uma representação de gestoras da escola. Foram aplicados questionários para seis profissionais, abordando as concepções de formação permanente que elas mantêm na instituição. Ao realizar o trabalho de análise, utilizando o método de análise de conteúdo, os nomes dos participantes, por questões éticas serão omitidos. De modo que, durante a interpretação dos dados coletados, a diretora será denominada pela letra D, a coordenadora pedagógica pela sigla CP. Os dois professores que possuem mais de 10 anos de trabalho na Escola serão identificados pela sigla P1 (professor 1) e P2 (professor 2). E por fim, os dois profissionais recentes no quadro da Escola serão chamados de PA (professor A) e PB (professor B).

A partir da problematização sobre as concepções de formação permanente, emergiram duas categorias importantes para a análise. Como fatores que determinam a importância da formação continuada na escola, a “reflexão”, mais especificamente, reflexão sobre a práxis é mencionada por D, CP, PB, e P1. “A formação continuada permite a reflexão acerca do fazer pedagógico, transformando-o em agir pedagógico mediante a reflexão crítica da prática” (CP, 2013), isso mostra que ela é vivenciada e torna significativo o espaço de formação destinado aos professores. Assim como é possível o papel da reflexão na formação continuada nas palavras de Benincá, (2004, p.108), “a prática refletida transforma o senso comum e torna o ser humano sujeito”. Assim, não basta reunir-se para estudo sem utilizá-lo como embasamento teórico para olhar e re-olhar a prática cotidiana, onde efetivamente ocorre a educação: no processo de interação professor-aluno, professor-professor, aluno-professor.

“Elo entre teoria e prática” foi mencionado por PB e P1. Acrescentando às informações colhidas das colaboradoras, teoria e prática precisam ser indissociáveis à educação. Estudar algo sem aplicação, pior, ensinar sem aplicação torna-se mera transmissão de informações. “Por este motivo, a formação continuada é essencial, pois assim aperfeiçoamos cada vez mais nossos saberes com o objetivo de sempre melhorar o aprendizado de nossos alunos e alunas”, (PB, 2013). Por isso, a formação continuada contribui neste aspecto para servir como espaço para ampliação do terreno de sala de aula, divisão de experiências, construção de saberes e condução da aprendizagem. Para isso, vale citar Benincá, (2004, p.108), quando afirma que “o discurso que não brota da prática não gera transformação”.

CONSIDERAÇÕES NÃO-FINAIS

Na escola em estudo, foi possível detectar que os espaços de formação são utilizados com foco no cotidiano da Instituição. Isto demonstra preocupação em torná-los significativos e voltados para as necessidades da Escola. Envolver todos os professores, além daqueles que ocupam cargos administrativos e pedagógicos transparece a preocupação de agir participativamente, em consonância com os princípios da gestão democrática.

A formação permanente que se passa dentro da escola, pensada para atender às necessidades sentidas por aquele contexto adquire maior relevância e aplicabilidade do trabalho, uma vez que toma a realidade (sucessos e impasses) para discussão e para que o coletivo pense em soluções. Não se diga com isso que não sejam relevantes as “formações” que ocorrem paralelas à prática educativa, coordenadas por universidades, cursos realizados de modo autônomo, até porque quanto se fala em formação permanente todo este processo é inacabado e necessariamente com muitas interlocuções epistemológicas e reflexivas. Contudo, para que se sustente uma prática pedagógica coesa, a escola necessita fortalecer seu coletivo, dedicar um tempo para pensar sobre si, sobre seu trabalho e com o grupo, refletir e agir em prol da proposta educativa a qual a escola se propõe enquanto coletivo educacional.

O fato é que, por muitas vezes, é mais fácil seguir práticas antigas, que funcionem bem ou não, já aceitos pela sociedade e construídos historicamente por outros modelos de educação a se aventurar na elaboração de novas maneiras de tentar, testar e fazer diferente. Contudo, uma das concepções de maior relevância é esta relação que existe entre uma escola que procura trabalhar baseada na pesquisa da realidade e utiliza a formação continuada como espaço para práxis educativa: reflexão – ação – reflexão. Este conjunto, entre uma gestão democrática e participativa resulta em um bom aproveitamento do propício espaço para que o professor possa buscar seu crescimento profissional, pessoal e contribuir para desenvolver ainda melhor suas atividades em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENINCÁ, E. A formação continuada. In: BENINCÁ, E. CAIMI, F.E. (Org.). **Formação de professores: um diálogo entre a teoria e a prática**. 2ª ed. Passo Fundo: UPF Editora, p.99-109, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia** – Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

_____. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa, São Paulo, Paz e Terra, 2006.

_____. **Pedagogia da Esperança:** Um reencontro com a Pedagogia do oprimido, 16ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2009.

_____. **Professora sim, tia não:** cartas a quem ousa ensinar, 10ª ed. São Paulo, Olho D'água, 1997.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação Continuada de Professores.** Porto Alegre, Artmed, 2010.

TONIOLO, Joze Medianeira S. A. **Diálogo e Amorosidade em Paulo Freire:** dos princípios às atitudes na formação de professores. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

ZANDONÁ, Escola Estadual de Educação Básica Antônio João. **Plano Político Pedagógico.** 2013.